Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/12/2023 a 14/12/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]

[1] **Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).**

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
08/12/2023	13,04	424,20	50,15	6,15	4,65
11/12/2023	13,36	430,70	51,06	5,91	4,60
12/12/2023	13,23	429,20	50,39	6,07	4,62
13/12/2023	13,07	421,10	49,82	5,85	4,56
14/12/2023	13,14	403,70	49,28	5,94	4,56
Média	**13,17**	**421,78**	**50,14**	**5,98**	**4,60**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos **bushel de milho= 25,40 quilos**
Libra peso = 0,45359 quilo **tonelada curta = 907,18 quilos**
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA		
RS – Nonoai	**138,00**	
RS – Não Me Toque	**135,00**	
RS – Londrina	**129,00**	
PR – M.C.Rondon	**129,00**	
MT – C.N.Parecis	**119,00**	
MS – Maracaju	**129,00**	
GO - Rio Verde	**122,00**	
BA – L.E.Magalhães	**129,50**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**68,00**	CIF
Porto de Paranaguá	**60,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**S/C**	
RS – Não-Me-Toque	**58,00**	
SC – Rio do Sul	**60,00**	
PR – M.C.Rondon	**50,00**	
PR – Londrina	**50,00**	
MT – C.N.Parecis	**37,00**	
MS – Maracaju	**52,00**	
SP – Itapetininga	**64,00**	
SP – Campinas	**68,00**	CIF
GO – Rio Verde	**53,00**	
GO – Jataí	**53,00**	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	**64,00**	
RS – Não Me Toque	**62,00**	
PR – Londrina	**67,00**	
PR – M.C.Rondon	**67,00**	

Período: 13/12/2023
S/C=Sem Cotação.
(*) Valor de compra.
(**)Preços em reais/saco.
Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/12/2023

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**58,67**	**138,63**	**63,08**

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/12/2023

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**116,83**
Feijão (saco 60 Kg)	**300,00**
Sorgo (saco 60 Kg)	**45,00**
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**5,45**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**1,92 ****
Boi gordo (Kg vivo)*	**7,59**

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias
(**) Referência Outubro/23, cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, oscilaram bastante durante esta semana, na esteira do relatório de oferta e demanda, divulgado pelo USDA no dia 08/12, o qual teve indicativo baixista. Após idas e vindas, o bushel de soja acabou fechando a quinta-feira (14) em US$ 13,14, contra US$ 13,11 uma semana antes.

Por sua vez, o relatório, para o ano de 2023/24, manteve a produção estadunidense, recém colhida, em 112,4 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais dos EUA, para o ano em questão, permaneceram em 6,7 milhões de toneladas. Já a produção mundial de soja sofreu leve redução, para 398,9 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficaram em 114,2 milhões. A produção brasileira foi projetada em 161 milhões de toneladas, perdendo dois milhões em relação a novembro, enquanto a produção da Argentina foi mantida em 48 milhões de toneladas. Já as importações chinesas de soja foram aumentadas para 102 milhões de toneladas, ganhando dois milhões de toneladas sobre novembro. Com isso, o preço médio do bushel de soja, aos produtores estadunidenses, permaneceu na projeção de US$ 12,90, contra US$ 14,20 no ano anterior.

Dito isso, na semana encerrada em 7 de dezembro, os EUA embarcaram 984.410 toneladas de soja, ficando dentro das expectativas do mercado. Assim, o total já embarcado no atual ano comercial atinge a 19,7 milhões de toneladas, ficando 16% abaixo do exportado no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, na Argentina, com a desvalorização de 118% no valor do peso oficial, os produtos de exportação ficam mais competitivos. Assim, o farelo de soja, que junto com o óleo, tem no país vizinho o maior exportador mundial, fica mais barato, favorecendo as vendas externas. Isso derrubou as cotações do farelo em Chicago, ajudando a puxar para baixo o valor do grão. Tal situação vai complicar em muito também as indústrias moageiras brasileiras, que exportam óleo e farelo.

Soma-se a isso as contínuas preocupações com o clima na América do Sul, o qual, nos últimos dias melhorou para o desenvolvimento do plantio, porém, ainda está muito indefinido. Uma nova onda de calor, com temperaturas ao redor de 40 graus durante esta semana que finda, trouxe mais inquietudes ao mercado.

E no Brasil, os preços da soja, mesmo com um câmbio voltando ao patamar de R$ 4,96 por dólar, recuaram um pouco, puxados por Chicago e um prêmio que se mantém negativo nos portos nacionais a partir de fevereiro/24.

A média gaúcha fechou a semana em R$ 138,63/saco, enquanto nas principais praças do Estado o valor ficou entre R$ 135,00 e R$ 138,00/saco. Nas demais regiões do país os preços da soja oscilaram entre R$ 119,00 e R$ 129,50/saco.

Novas revisões e projeções para a safra brasileira estabelecem, agora, que a mesma possa ficar entre 158 e 161 milhões de toneladas nesta nova temporada caso o clima não cause maiores problemas do que os já registrados. Assim, segundo Safras & Mercado, “se o clima não melhorar, podemos ver perdas maiores, mas se o clima melhorar, alguns Estados podem surpreender, compensando parte das perdas

esperadas para o Mato Grosso. Tal indefinição ainda pode permitir o registro de uma safra recorde no país".

Em paralelo, até o início da presente semana o Brasil já havia comercializado 27% da futura safra 2023/24, contra a média histórica, para a época, de 37%. (cf. Safras & Mercado)

Enquanto isso, o plantio da atual safra de soja teria chegado a 91% da área esperada no dia 07/12. As maiores preocupações, quanto ao clima, estão no Mato Grosso, Norte e Nordeste brasileiros. (cf. AgRural)

E pelo lado das exportações e esmagamento de soja e derivados, a Abiove aponta que o volume de grãos de soja exportados, em 2024, possa atingir a 100,2 milhões de toneladas. Já o esmagamento do grão ficaria em 54,5 milhões de toneladas, atingindo a um recorde histórico. Esta alta no esmagamento vem na esteira da expectativa de que a mistura de biodiesel, no diesel de petróleo, passe de 12% para 13% a partir de abril de 2024. Por tabela, a produção de farelo de soja no país, no próximo ano, somaria 41,7 milhões de toneladas, subindo 700.000 toneladas sobre o registrado em 2023. E a produção de óleo de soja somaria 11 milhões de toneladas, com aumento de 200.000 toneladas sobre o ano anterior. Já o consumo interno de óleo de soja deverá crescer 5,7%, atingindo a 9,2 milhões de toneladas, caso o percentual de mistura do biodiesel aumente. Enfim, a exportação de óleo de soja pelo Brasil pode cair para 1,6 milhão de toneladas, após 2,6 milhões em 2022. Em tal contexto, e se confirmado o volume de safra que se espera, os estoques finais de soja, em 2024, superarão as 10 milhões de toneladas. Haverá, com isso, uma natural pressão baixista sobre os preços da oleaginosa no país, no final do próximo ano. Enfim, a Abiove ainda estima que, pelos preços médios internacionais que se espera para 2024, o valor total das exportações do complexo soja brasileiro possa chegar a US$ 64 bilhões, após o recorde de US$ 67 bilhões em 2023. Lembrando que este complexo é o principal produto de exportação nacional.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, apontaram um viés de baixa durante a semana, após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 08/12. Com isso, o fechamento da quinta-feira (14) ficou em US$ 4,56/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US$ 4,68 uma semana antes.

Quanto ao relatório, para o ano de 2023/24 o mesmo manteve a produção dos EUA, recém colhida, em 387 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais naquele país, para o ano em questão, ficaram em 54,1 milhões de toneladas, sem grandes mudanças em relação a novembro. Já a produção mundial de milho foi aumentada para 1,222 bilhão de toneladas, ganhando cerca de 1,3 milhão sobre novembro. Enquanto isso, os estoques finais mundiais do cereal subiram para 315,2 milhões de toneladas, com leve aumento sobre novembro. A futura produção brasileira está projetada em 129 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina permanece em 55 milhões. O Brasil poderá exportar 55 milhões de toneladas neste ano comercial,

segundo o relatório. Em sendo assim, o preço médio ao produtor estadunidense de milho permaneceu em US$ 4,85/bushel, contra US$ 6,54 um ano antes.

Dito isso, as exportações estadunidenses de milho, na semana encerrada em 07/12, somaram 711.733 toneladas, ficando próxima do limite inferior esperado pelo mercado. Assim, o total já exportado no atual ano comercial chega a 9,2 milhões de toneladas, ficando 28% acima do exportado em igual momento do ano anterior.

Por sua vez, na China a safra de milho do corrente ano teria sido recorde, com crescimento de 4% sobre o ano anterior, somando 288,8 milhões de toneladas. O país asiático é o segundo maior produtor mundial do cereal e o aumento se deve, além do clima favorável, à manutenção dos subsídios oficiais aos agricultores locais, visando garantir a segurança alimentar do país. A área total semeada foi de 44,2 milhões de hectares de milho, sendo esta a maior área desde 2015. (Cf. Departamento de Estatísticas da China)

E aqui no Brasil os preços do milho, na média gaúcha, fecharam a semana em R$ 58,67/saco. Nas demais praças do país o preço do cereal oscilou entre R$ 37,00 e R$ 64,00/saco.

A redução na oferta do cereal no mercado físico nacional e a possibilidade de uma safrinha menor em 2024, cada dia mais concreta, além do bom ritmo das exportações em 2023, fazem os produtores segurarem o produto na expectativa da continuidade no aumento dos preços internos. No início de dezembro corrente o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas – SP), subiu, voltando a operar nos patamares de abril. (cf. Cepea)

Já o plantio da nova safra de verão chegou a 95% da área no Centro-Sul brasileiro, sendo que o excesso de chuvas e a incidência de doenças têm causado perdas em algumas regiões, gerando preocupações ao mercado. Isso ocorre particularmente no Sul do país. (cf. AgRural)

Em paralelo, a Conab, em seu novo relatório mensal, apontou que as lavouras já semeadas com milho “se dividem em 8,6% em fase de emergência, 53,8% em desenvolvimento vegetativo, 20,8% em floração, 15,6% em enchimento de grãos e 1,3% em maturação”.

E no Mato Grosso, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), a comercialização da safrinha 2022/23 atingiu a 83% no início da presente semana. Os produtores locais precisam acelerar tais vendas para dar conta da entrada, a partir do final de janeiro, das primeiras cargas de soja da nova safra, mesmo que esta venha com quebra. O preço médio de comercialização, em novembro, ficou em R$ 35,83/saco, com recuo de 1,88% sobre o valor de outubro. Já sobre a futura safra 2023/24, a comercialização, na mesma época, chegou a 15,6% do total esperado. O preço médio de novembro, para a futura safra 2023/24, ficou em R$ 35,02/saco, ou seja, menos 3,28% sobre o praticado em outubro do corrente ano.

No Paraná, o Deral informa que a realidade do milho de verão 2023/24, recentemente semeado, apresenta 21% da área na fase vegetativa, 36% em floração, 41% em frutificação e 2% já em maturação. O Departamento ainda classificou que 80% das

lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, 17% estão regulares e 3% ruins.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, igualmente indicaram um viés de baixa durante a semana, puxadas pelo relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 08/12. Assim, o fechamento da quinta-feira (14) ficou em US$ 5,94/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US$ 6,26 uma semana antes.

Quanto ao relatório, o mesmo indicou, para o ano 2023/24, uma produção nos EUA de 49,3 milhões de toneladas, sem modificações em relação a novembro. Porém, houve pequena redução nos estoques finais estadunidenses do cereal, com os mesmos ficando, agora, em 17,9 milhões de toneladas, ou seja, 700.000 toneladas a menos do que o indicado em novembro. Por sua vez, a produção mundial de trigo ficou estabelecida em 783 milhões de toneladas, com um ganho de pouco mais de um milhão de toneladas sobre novembro. Já os estoques finais mundiais ficaram em 258,2 milhões de toneladas, sem grandes modificações em relação a novembro. A produção argentina, neste novo ano comercial, ainda está indicada em 15 milhões de toneladas, enquanto a brasileira sofreu um corte de um milhão de toneladas, vindo a 8,4 milhões de toneladas. Assim, segundo o USDA, neste novo ano comercial, o Brasil deverá importar 5,6 milhões de toneladas de trigo. Enfim, o preço médio ao produtor estadunidense do cereal foi elevado para US$ 7,30/bushel no corrente ano, ganhando 10 centavos sobre novembro, contra US$ 8,83/bushel um ano antes.

Dito isso, os EUA embarcaram 281.697 toneladas de trigo na semana encerrada em 07/12, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total já exportado neste ano comercial atinge a 8,6 milhões de toneladas, ainda 23% a menos do que o realizado em igual momento do ano anterior.

Por outro lado, na Ucrânia, a expectativa é de se colher a menor safra de trigo dos últimos 12 anos, em função do recuo na área semeada motivado pela guerra. Com isso, a produção final do cereal poderá atingir a 20,2 milhões de toneladas, ficando abaixo da média de 25,9 milhões dos cinco anos anteriores. Seria, assim, a menor produção desde 2012. (cf. Argus Media)

Enquanto isso, na Argentina, a Bolsa de Comércio de Rosário elevou a estimativa de produção para 14,5 milhões de toneladas de trigo, acrescentando um milhão de toneladas a mais sobre as estimativas anteriores. O motivo está na melhoria climática no momento do enchimento de grãos, com chuvas e frio adequados para a cultura.

Já no Brasil, os preços do cereal gaúcho estiveram entre R$ 62,00 e R$ 64,00, com a média do Estado fechando a semana em R$ 63,08/saco. Já no Paraná tais preços ficaram em R$ 67,00/saco nas principais praças locais.

O recuo nos preços, mesmo do produto de qualidade superior, vem da nova postura cambial argentina, que deixa o trigo do vizinho país altamente competitivo, assim como

da redução do ritmo de compras, por parte dos moinhos nacionais, em função do final de ano.

No mercado do Paraná, na segunda-feira (11/12), segundo o indicador Cepea/Esalq, a tonelada do trigo pão ou melhorador estava cotada a R$ 1.302,49 no FOB (R$ 78,15/saco), queda de 1,04% desde o último dia de novembro. Já no Rio Grande do Sul, a tonelada do trigo brando estava em R$ 1.227,12 (R$ 73,63/saco) no FOB, com redução de 1,27% no mesmo período.

Enfim, a Conab voltou a reduzir a estimativa da safra nacional de trigo deste ano, com a mesma ficando, agora, em 8,1 milhões de toneladas. Uma redução de 15,5% sobre a estimativa de novembro e 22,8% sobre o recorde colhido no ano passado. O volume colhido, que pode ainda recuar mais nas próximas estimativas, se aproxima do que tínhamos indicado semanas atrás. O mesmo se dá a partir de uma área total semeada de 3,47 milhões de hectares, onde a produtividade recuou significativamente, com a média nacional ficando em 2.349 quilos/hectare (39,2 sacos/hectare). A produção do Rio Grande do Sul está estimada em 2,9 milhões de toneladas, com produtividade média de 1.930 quilos/hectare (32,2 sacos/hectare), enquanto no Paraná a produção teria chegado a 3,6 milhões de toneladas, com produtividade média de 2.587 quilos/hectare (43,1 sacos/hectare). É preciso ainda considerar que, nestes números de produção, grande parte é de trigo inferior, conhecido como triguilho para ração.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br